

De Angola a Timor: uma navegação sem GPS

Pouco espaço para demasiados livros! Por isso, sem preâmbulo, passemos ao essencial e comecemos por Angola e por um texto que agradará aos historiadores e, provavelmente, aos abundos actuais, pois mostra-nos que os seus antepassados — pelo menos, uma parte dos chefes da região dos Dembos — assimilaram uma das armas do colonizador: a sua escrita e também a sua língua. Numa edição que nos parece exemplar, a recolha de actas e de correspondência (oficiosa ou oficial) trocada entre, por um lado, um dos principais dembos e, por outro, Luanda e os seus representantes locais, assim como com outros dembos próximos e afastados, revela que, pelo menos desde 1718 até 1926, as relações entre estes homens da montanha e a administração portuguesa foram ora pacíficas, ora conflituosas, ora raras ou inexistentes. A maior parte das 210 peças de arquivo, sábia e rigorosamente transcritas, datam do século XIX. O que quer dizer que a penetração cultural portuguesa para além da colónia «real» precedeu, neste caso, o avanço da fronteira militar. É evidente que não podemos extrapolar esta situação, específica no panorama colonial (corredor Luanda-Malange), ao conjunto de Angola, mas este trabalho¹ apresenta uma fonte importante, de utilidade incontestável.

Penso que David Birmingham gostará desta leitura. Este autor compilou², recentemente, onze artigos e contribuições respeitantes a Angola e ao ex-Congo Belga. O capítulo mais inovador versa sobre os missionários suíços, nomeadamente sobre os que se estabeleceram na região situada entre Caconda e o mar. Este trabalho, elaborado a partir da consulta de arquivos

¹ Ana Paula Tavares e Catarina Madeira Santos, *Africae Monumenta. A apropriação da escrita pelos Africanos*, vol. 1, *Arquivo Caculo Cachenda*, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 2002, 561 páginas, com fotografias a preto e branco.

² David Birmingham, *Empire in Africa. Angola and its neighbors*, Ohio University Press, Athens (Ohio), 2006, ix-190 páginas.

na Suíça, tem o grande mérito de dar a conhecer Héli Chatelain, esse extraordinário protestante que, após se ter libertado do grupo dos «metodistas mendicantes» do padre americano Taylor, se instalou em Kalukembe, no território dos ovimbundos. Linguista e idealista, mas também homem de negócios prudente, que teve de acudir às necessidades da sua missão num contexto difícil (esclavagismo dos bóeres, dos africanos e dos portugueses), este emancipador interessante tinha numerosos inimigos que ficaram aliviados aquando da sua morte, na Suíça, em 1908. O livro refere igualmente a viagem de uma missão interparlamentar britânica a Angola, que o autor acompanhou, realizada em Maio de 2003. No relato dessa visita ele regista a perda de influência da Grã-Bretanha no país e critica a política do MPLA. A maior qualidade de Birmingham é colocar ao serviço da sua ética um profundo conhecimento das realidades locais e da sua componente histórica. Ele nunca se comporta como um autor «da situação».

Retomemos a época imediatamente a seguir à de Chatelain, mergulhando na sociedade de uma parte dos seus antigos clientes e credores, os bóeres, com um testemunho³ tardio e um pouco adocicado de um nacionalista africânder que, em luta com os britânicos, se refugiou entre os alemães, no Sudoeste africano, para, mais tarde, em Maio de 1915, atravessar o Cubango, na zona de Cuangar, e se embrenhar no Sudeste angolano, terra de ninguém militar, depois da derrota portuguesa (1914). Não conseguindo manter-se aí, regressou ao território controlado pelos alemães, onde se manteve até à sua capitulação. Para escapar, uma vez mais, aos britânicos volta a partir em direcção ao Norte, via o Cunene, até Capelongo. Bem acolhido pelas tropas portuguesas, o autor será confrontado com os efeitos da fome pela presença de centenas de cadáveres. Dirige-se então, com o seu pequeno grupo, para a colónia bóer de Humpata, antes de serem todos «internados» em Luanda. Autorizados a regressar a Humpata, alguns vão transformar-se então em condutores de carro, aprovisionando as tropas de ocupação portuguesas (a partir de 1916). Depois da entrada de Portugal na guerra, eles são, uma vez mais, «internados num hotel» de Luanda. Este é um texto mais raro do que verdadeiramente útil para compreender as condições da reocupação portuguesa.

Se nos voltarmos agora para o Centro de Angola, encontraremos o rico trabalho gráfico de Jaime Cruz Soares⁴ que, rentabilizando a sua antiga profissão de engenheiro dos Caminhos de Ferro de Benguela, nos dá uma monografia técnica sobre a construção (de 1972 a Outubro de 1974) do

³ C. F. MacDonald, *Op vlug deur donker Afrika*, Bienenell Uitgewers, Pretória, 2001 (reimp. da ed. de Joanesburgo de 1949), 174 páginas.

⁴ Jaime Cruz Soares, *A variante do Cubal e a Via Lobito. Revista de notícias várias para a história do C. F. B.*, ed. do autor, Póvoa e Meadas (Portugal), 2006, com numerosas fotografias a preto e branco e a cores.

desvio (138 km) aberto na montanha que interditava os comboios pesados em direcção ao Lobito. Trata-se de um texto interessante que nos dá a conhecer o período final da colonização portuguesa (incluindo os ataques contra a linha) e que nos agrada igualmente pelo que diz sobre o nascimento do Lobito, a partir de 1903, e a construção da linha, até 1928.

Mais inesperado ainda, é absolutamente imperioso ler este romance apaixonante, escrito por um veterano da guerra colonial (1961-1974), que mantém uma lembrança nostálgica do Leste de Angola, nomeadamente da zona compreendida entre o Dilolo e a fronteira do Congo, e do Alto Zambeze. O que liga esta obra ao livro anterior é o facto de o seu actor principal ser um jovem português pobre que, protegido por um amigo do pai, foi nomeado inspector dos trabalhos de construção do trecho oriental dos caminhos de ferro. Bernardino Louro⁵ faz uma notável reconstituição histórica — partindo, eventualmente, de fontes orais, pois, como é evidente, não conheceu os protagonistas —, mostrando-nos como nem tudo foram rosas neste avanço oriental de 1929 a 1933. A história de amor entre a personagem central e uma jovem luená termina com um crime perpetrado por um capataz das obras de construção, ex-degredado. Que eu tenha conhecimento, nunca nenhum autor penetrou tão intimamente na vida colonial das pequenas cidades do Centro de Angola que, com a chegada do comboio, conhecem um certo desenvolvimento, dos postos «esquecidos», administrados ao longe pelo governador do Moxico (D. António de Almeida), ou de uma missão católica dirigida por um padre que «aportuguesava com o pénis» a região dos luenas. O autor dá-nos uma visão inesquecível da vida africana — um pouco optimista, na nossa opinião — e das relações entre dominadores e dominados, desta vez sem sentimentalismos excessivos.

Totalmente diferente — mas ainda no Centro de Angola e na mesma época —, situa-se a obra de Diana Chads⁶, construída a partir do diário do pai, que, de 9 de Fevereiro a 10 de Outubro de 1930, fez prospecções no interior de Novo Redondo, de Egito e de Benguela, à procura de cobre e de ouro, a mando da Zambesia Exploring Company. Este texto deixa transparecer o ambiente muito pesado que se vivia, resultado dos desentendimentos entre a equipa de prospectores britânicos, do medo dos carregadores relativamente aos colonos, que os roubavam e lhes batiam, e do atraso material das populações africanas. De facto, a situação pouco tinha mudado comparativamente à referida por Chatelain e por Nevinson, apesar da legislação promulgada, só raramente ou deficientemente aplicada (pp. 132-134).

⁵ Bernardino Louro, *O caçador de brumas. Por esta vida acima. Romance 1929-1933*, Setecaminhos, Lisboa, 2006, 227 páginas.

⁶ Diana Chads, *Searching for African Prospects. Life as a Mining Engineer in Nigeria and Angola*, The Radcliffe Press, Londres, 2006, xv-191 páginas, com fotografias a preto e branco.

E, já que estamos nas minas, putativas ou reais, passemos aos diamantes com dois exemplos de uma série que começa a alongar-se dramaticamente desde o tempo em que o velho Plutus regia a Diamang [cf. René Pélissier, *Explorar. Voyages en Angola et autres lieux incertains*, Ed. Pélissier, Orgeval (France), 1979, pp. 233-244]. Com *Diamond matters*⁷ estamos na presença de um álbum — compacto — de fotografias que descreve a cadeia que vai do pequeno garimpeiro africano na Lunda angolana (e no país vizinho) até às mulheres da «alta» sociedade que ostentam os seus diademas — e a sua imbecilidade fútil —, passando pelos diamanteiros e pelos joalheiros. O que prende a nossa atenção, neste caso, é, naturalmente, a denúncia da dureza das condições de trabalho e de vida dos «escavadores» neste Far-West angolano.

Sobre este assunto, podemos encontrar uma descrição muito sombria num trabalho de uma ONG cujo título⁸ não deixa margem para qualquer ambiguidade. Após uma investigação de seis semanas no terreno, este relatório denuncia os assassinatos, as torturas e violações cometidos na Lunda pelos funcionários do MPLA, pela polícia, pelos militares e pelos empregados das empresas concessionárias contra a população local e os garimpeiros. São 60 páginas de depoimentos detalhados que fornecem o nome dos culpados em 2004. Que teriam dito Henrique de Carvalho e Castro Soromenho? Parece que regressamos ao tempo do *red rubber* leopoldiano e já nem esperamos que Roger Casement assine o relatório.

Bastante menos sinistros, refiramos alguns contos ou recordações que datam do período português. *Kurikutela*⁹, da autoria de um retornado, pertence às duas categorias, oferecendo-nos uma gama de cenários e de situações pouco habituais: camionistas traficantes no Centro de Angola por volta de 1955, um casamento entre os mucubais e, sobretudo — exemplo de aculturação —, a aventura de um oficial subalterno branco que para ter o amor de uma donzela portuguesa consulta um feiticeiro africano em Luanda. O feitiço dá resultado, mas em virtude de os cabelos necessários ao «trabalho» terem sido recolhidos, sem discriminação, na banheira familiar da inacessível Dulcineia, o furriel acabará por se casar com a mãe da sua adorada. Aliás, com o agrado do interessado. Até ao cataclismo de 1975. O livro¹⁰ da

⁷ Kadir Van Lohuizen, *Diamond matters. Van de mijnen naar de jetset*, Mets & Schilt, Amsterdão, 2005, não paginado, pequeno formato, com numerosas fotografias a preto e branco.

⁸ Rafael Marques e Rui Falcão de Campos, *Lundas. As pedras da morte. Relatório sobre os direitos humanos*, s. e., s. l., 2005, 83 páginas, com fotografias a preto e branco.

⁹ Zé Mulemba, *Kurikutela nos caminhos de Angola*, Atelier, Vila Nova de Famalicão, 2006, 101 páginas.

¹⁰ Maria Alves Nogueira Leal Gomes, *Andanças a preto e branco (Memórias da minha vida e andanças por Angola)*, Tribuna Pacense, Paços de Ferreira (Portugal), 1998, 197 páginas.

viúva de um funcionário do quadro administrativo é extremamente importante, pois documenta — indirectamente — a vida pobre e mesmo mesquinha de um chefe de posto (inicialmente) entre 1946 e 1973, transferido de um lado para o outro, talvez porque defendia, ingenuamente, os *indígenas* dos abusos dos comerciantes e dos seus superiores. O facto de ter sido destacado para onze postos durante os seus vinte e sete anos de carreira revela as deficiências do sistema de rotação acelerada do pessoal colocado no mato. Só muito raramente este honesto funcionário tinha tempo para compreender os seus subordinados e para os proteger contra os perigos inerentes, quer no seu mundo (feitiçaria, canibalismo), quer na sociedade colonial (como, por exemplo, no episódio em que os soldados roubaram os africanos em Nova Gaia em 1969). O interesse deste texto, pouco conhecido, reside no facto de nos dar uma visão penetrante das condições em que viviam os pequeníssimos núcleos populacionais de brancos nos anos que precederam o desenvolvimento económico e durante a guerra colonial (mas que ficavam afastados das zonas onde actuavam os rebeldes, a maior parte das vezes reservadas às memórias dos antigos combatentes).

Adicionaremos a este díptico nostálgico um curioso romance¹¹ que, segundo o autor, foi publicado pela primeira vez quando ele tinha apenas 16 anos, o que, por si só, é já um recorde em Angola, para além de ter sido impresso em Malange em 1967, e isto apesar da interdição da PIDE. Esperávamos, por isso, uma virulenta denúncia anticolonialista. Não podíamos estar mais enganados. A obra é de um anti-sovietismo e de um antimarxismo virulentos, bem ao gosto da União Nacional. A censura da PIDE não tinha razões políticas — o que teria sido espantoso —, mas simplesmente razões de «moral pública». Arthur Ligne ultrapassou este obstáculo e vendeu «5000 exemplares num mês». Será que Malange se tornou a nova Gomorra da Angola colonial? À excepção disso, o leitor não encontrará nada nestas páginas que se aproxime do ultramar. Mas continuemos com as atribuições editoriais dos brancos de Angola nos tempos da PIDE, mesmo quando se tratava de missionários espiritanos e portugueses da grei. *A missão... nas teias da PIDE*¹² é um livro de um antigo missionário — ainda padre — que em Angola, de 1968 a 1973 (Huambo, Bimbe, Chicuma), pretendeu «angolanizar a liturgia», estar próximo dos africanos e, além disso, convivia com os protestantes. Um subversivo antes do tempo! Reproduzindo os documentos dos arquivos da PIDE relativos ao seu caso, o padre Salvador Cabral permite-nos avaliar — com fundamento em provas — a intensidade da vigilância e das delações entre brancos, mestiços e negros, que regulavam as

¹¹ Arthur Ligne, *Grilhetas da Liberdade*, Jornal «Gazeta de Lagoa», Lagoa (Portugal), 2.^a ed., 2002, 206 páginas.

¹² Salvador Cabral, *A missão... nas teias da PIDE (o livro da minha liberdade)*, ed. do autor, Nine (Portugal), 2005, 270 páginas, com fotografias a preto e branco.

relações político-sociais no Centro de Angola, uma região que os colonos imaginavam — ou desejavam — alheia à subversão nacionalista. De facto, era a PIDE e a administração que mantinham a tampa sobre a panela. Aliás, a tendência, bem portuguesa, para a «maledicência» e para a intriga facilitava-lhes o trabalho. O que é penoso é ver o conluio entre certas autoridades religiosas e a PIDE para erradicar os «progressistas» do clero. O livro foi, por isso, apreendido e o padre proibido de regressar a Angola.

Faremos uma rápida visita ao domínio dos protestantes com a biografia¹³ de um pastor baptista mukongo e da sua mulher, nascidos em São Salvador/Mbanza Kongo, e que no Canadá, e no quadro de missões internacionais, se transformaram em artesãos da paz entre diferentes facções africanas. Filho de um pastor, foi criado num ambiente anticolonialista que lhe permitiu adquirir conhecimentos sobre o rei do Congo D. Pedro VII, a vida nas aldeias, o início dos acontecimentos de Março de 1961, a discriminação local contra os protestantes, as redes baptistas, a vida dos refugiados no Congo-Kinshasa, etc. Quarenta anos mais tarde, já com a nacionalidade canadiana, reencontramo-lo em 2002 e 2005 com outros refugiados no Leste angolano, na Zâmbia e em Luanda. Mediador e peça importante numa dessas ONGs que proliferam, é um homem que teve mais sorte do que os pastores africanos dos Dembos. Ainda está vivo.

*Freedom's Distant Shores*¹⁴ estuda as ligações entre os protestantes dos Estados Unidos e África. Nele podemos encontrar um pequeno artigo de um angolano sobre as três igrejas mennonitas implantadas em Angola depois de 1982 e a assistência que elas forneceram aos refugiados africanos e, mais tarde, aos deslocados pela guerra civil. *Adeus Angola*¹⁵ é o romance de uma retornada que, depois de dezoito anos em Angola, teve de refugiar-se na África do Sul, como, aliás, muitos outros. Uma das particularidades deste trabalho é o facto de a autora colocar em cena sul-africanos de ascendência portuguesa. Ela fala-nos ainda sobre a insegurança que em 1975 levava os colonos a atravessarem a fronteira meridional, e o texto tem algumas passagens originais sobre a integração destes no país de acolhimento.

Abordaremos a política em Angola com um livro que deverá ter uma recepção limitada entre os actuais dirigentes do MPLA. *Tout près de l'oubli*¹⁶

¹³ John F. Keith, *Wars are never enough. The João Matwanana Story*, BayRidge Books, Pickering (Ontario), 2005, 404 páginas, com fotografias a preto e branco.

¹⁴ R. Drew Smith (ed.), *Freedom's Distant Shores. American Protestants and Post-Colonial Alliances with Africa*, Baylor University Press, Waco (Texas), 2006, VIII-284 páginas.

¹⁵ Albertina Jerónimo Alves, *Adeus Angola*, H. F. Eles, Montijo (Portugal), 2000, 331 páginas.

¹⁶ Michelyne Lortie, Diane Martin e Claude Paquette, *Tout près de l'oubli. Une histoire vraie basée sur un récit de Jacques R. Roy dit Quidado*, Les Editions Contreforts, Chesterville (Quebeque), 2006, 340 páginas.

traça o itinerário militante de um desses «carregadores de malas» terceiro-mundistas que, na sua juventude, se inflamaram pela libertação de África e que, quarenta anos mais tarde, se julgam mal recompensados pelos seus esforços. Neste caso, trata-se de um jovem (em 1967) canadiano que sucumbiu ao charme de Agostinho Neto e do MPLA em Lusaca. Tendo abraçado esta causa, empenhou-se seriamente nela e tornou-se um dos principais obreiros no Canadá (participou numa viagem de propaganda realizada em 1968 às «zonas libertadas» da frente oriental; montou um sistema de telecomunicações local para os guerrilheiros; rodou um filme no saliente de Cazombo em Novembro-Dezembro de 1971; organizou campanhas anti-portuguesas no Canadá; representou o MPLA no Canadá, tendo acolhido Agostinho Neto durante o golpe de Estado de 25 de Abril de 1974, etc.). Em Janeiro de 1975 instalou-se em Luanda para ajudar o MPLA, mas foi afastado em Novembro de 1976, sem que saibamos muito acerca das razões que motivaram o partido a decretar este afastamento. Em 1998 regressará a Angola para tentar lançar um programa de assistência às vítimas das minas. Na verdade, nada disso se concretiza e ele constata sobretudo a corrupção desenfreada. Em 2002 é nomeado uma espécie de «conselheiro das relações comerciais», mas queixa-se da modicidade do ordenado. Em resumo, ele não só esperava mais, como pensava colher, finalmente, os benefícios económicos do seu comprometimento. Ingénuo! O dinheiro corre a rodos, mas não para as personagens históricas do início longínquo e difícil da luta. De facto, ele teria devido aperceber-se, como muitos outros (cf. Basil Davidson, entre os mais ilustres), de que o poder luandense tinha e tem outras prioridades e que os amigos e aliados de outrora de nada lhe servem no presente. O reconhecimento só muito raramente é uma virtude na África negra, sobretudo para aqueles que não se sabem adaptar. Este livro é deveras patético, mas o seu herói parece continuar a acreditar na propaganda que divulgava nos anos 70. Podemos encontrar alguns exemplos disso nas pp. 197 a 199, quando se refere ao milhão de angolanos libertados (por que movimento?) em 40% do território, à presença de 180 000 soldados portugueses em Angola, à existência de 700 000 colonos, aos 700 dólares/mês gastos com cada «mercenário português»! *Coitado!* Não se trata, finalmente, de mentiras, mas de delírios de partidários, destituídos de qualquer credibilidade. Inevitavelmente, o acordar é doloroso e raramente proveitoso.

Excepto para os espertalhões! Vamos encontrar um ou dois destes sujeitos num outro livro de recordações relativamente eufóricas e mesmo divertidas. *Life is an excellent adventure...*¹⁷ anuncia o título e, de facto, o seu autor sabe sempre dar a volta às situações. Fazer 300 km a pé no mato

¹⁷ Jerry Funk, *Life is an excellent adventure... An irreverent personal odyssey or: Trying to decide what I want to be when I grow up*, Trafford Publishing, Victoria (B. C. Canada), 2003, x-429 páginas, com fotografias a preto e branco.

angolano para ir socorrer guerrilheiros famintos não é o seu passatempo favorito, mas ele atravessará África de avião (praticamente toda a África), a vários títulos: funcionário da CIA, administrador de um sindicato americano (depois, internacional), banqueiro, diamanteiro e, sobretudo, responsável para a África do National Security Council durante a administração Carter (1978-1981). Encontramo-lo (p. 208) em Angola no tempo de Agostinho Neto (1978) em conversações secretas. O presidente fá-lo-á esperar dois dias (na luxuosa antiga residência do governador português do Banco de Angola, apesar de tudo) até ser recebido, enquanto Neto recebe, com grande pompa, um professor de ciências políticas americano, seu amigo pessoal e propagandista número um do MPLA (e que, provavelmente, continuará a sê-lo após a morte de Neto até que as contribuições do seu sucessor diminuam ou cessem). Posteriormente, o nosso autor, frequentador de salões nobres, regressará a Angola dezasseis vezes entre 1991 e 1995, como diamanteiro, para negociar com a Endiama. Contrariamente ao autor anterior, a sua visão e a apreciação que faz do pessoal político e militar local são, desde o início, lúcidas e sem qualquer sombra de ilusão (mesmo relativamente a Savimbi). É grande a diferença entre um idealista generoso e entusiasta e um *insider* bem informado, *bon vivant* e preocupado com os seus interesses.

Vamos agora entrar em Moçambique com um pequeno álbum¹⁸ a cores que, muito diferente de um tratado austero, pode bem vir a revelar-se mais rentável para o país, pois dirige-se a uma clientela estrangeira com dinheiro e decidida a gastá-lo no terreno. Com fotografias magníficas à sua disposição, o amante de mergulho submarino que o abrir não resistirá durante muito tempo ao desejo de conhecer a fauna subaquática que vive nas costas das ilhas Bazarutos, de Inhambane, da Ponta de Ouro ou do ilhéu de Moçambique. Temos igualmente direito a algumas recordações históricas. Impecável e impressionante. Num género mais bélico, vejamos dois exemplos da intervenção militar rodesiana em Moçambique. *No insignificant part*¹⁹ é uma monografia muito peculiar que se refere aos 2500-3000 africanos voluntários (entre os quais, duas centenas de emigrantes moçambicanos) que se alistaram no *Rhodesia Native Regiment* para irem combater os alemães da *Ostafrika* e, por consequência, em Moçambique (a partir de Fevereiro de 1918). O autor consagra um capítulo a este episódio, bastante obscuro, pois, praticamente, nunca antes dele tivemos conhecimento de que tivessem actuado a leste do lago Niassa e mesmo, mais profundamente, na região

¹⁸ Jean-Paul Vermeulen, *Gone diving Mozambique*, Outskirts Press, Denver (Colorado), 2006, 88 páginas, com numerosas fotografias a cores.

¹⁹ Timothy J. Stapleton, *No insignificant part. The Rhodesia Native Regiment and the East Africa Campaign of the First World War*, Wilfrid Laurier University Press, Waterloo (Ontario), 2006, XII-188 páginas, com fotografias a preto e branco.

macua-lomué. É deplorável que o autor não tenha tido a ideia de consultar os historiadores que se dedicam a estudar o Norte de Moçambique, nem mesmo Newitt. O seu objectivo é reabilitar um regimento «esquecido» pela historiografia rodesiana. Aqui e ali, a partir dos arquivos regimentais, ficamos a saber que os alemães teriam massacrado os lomués (p. 128), o que é uma versão menos cor-de-rosa do que a oficial de von Lettow-Vorbeck e dos seus émulo. Balanço: milhares de quilómetros no Norte de Moçambique a correr para muito pouco atrás do inatingível *Junker*.

Bastante mais bélico e eficaz, mencionemos as memórias de guerra de um oficial subalterno rodesiano que ama a guerra e está satisfeito com ela. Dennis Croukamp não data de forma muito precisa as suas proezas, mas por volta de 1967 terá atacado um campo da FRELIMO onde, afirma, os portugueses matavam crianças e mulheres depois de as terem violado (p. 142). Não sabemos exactamente onde se situaria este campo, mas ficaria ao longo do curso do Zambeze. Recomeça em Novembro de 1970, com os pára-quedistas portugueses, que continuariam os massacres, prosseguindo as operações transfronteiriças em 1971. Tendo integrado a tropa dos *Selous Scouts*, de que exalta os talentos de sabotador, informador e liquidador, espia os campos da ZANLA em 1975-1976, na fronteira norte e, depois, no Sul (Malvernia, ao longo do caminho de ferro), dando-nos descrições minuciosas destas pequenas operações de destruição ferroviária. Um dos seus descarrilamentos terá causado a morte — diz ele — a 300 homens da FRELIMO e da ZANLA e feito mais de 600 feridos (?). Croukamp retoma o discurso com um festival de operações contra Mapai (Maio de 1977) ou que se realizaram, por vezes, a 250 km além da fronteira. O autor fala-nos ainda das rivalidades existentes entre as unidades e a polícia secreta, o tráfico de marfim e mesmo a venda de armas. Desta forma, segundo ele²⁰, os oficiais rodesianos não eram assim tão «puros».

Menos acessível ao grande público, o livro póstumo do engenheiro E. F. Raynham²¹ é uma fonte notável e interna sobre a construção, a exploração e os bastidores político-económicos de Cahora-Bassa. Ele insiste, nomeadamente, na importância deste empreendimento no abastecimento de electricidade da África do Sul. Uma grande parte do texto é altamente técnica, mas o tom pessoal do autor, as suas tomadas de posição na defesa da política da ESKOM face ao governo sul-africano, os inumeráveis pormenores sobre as negociações entre as empresas multinacionais, sobre os litígios com os

²⁰ Dennis Croukamp, *Only my friends call me «Crouks»*, Pseudo Publishing, Cape Town, 2006, 478 páginas, com fotografias a preto e branco.

²¹ E. F. Raynham, *Apollo-Cahora Bassa. Enigma and diversions*, EE Publishers Muldersdrift (África do Sul), 2004, vi-207 páginas, com fotografias a preto e branco e a cores.

portugueses, etc., deveriam interessar a alguns especialistas do desenvolvimento da Zambézia e, de forma mais lata, das relações Portugal-Moçambique-África do Sul.

Aproximemo-nos, de novo, dos militares com um texto brasileiro que servirá para atenuar o triunfalismo dos participantes das Nações Unidas e dos italianos no desarmamento dos beligerantes depois do fim da guerra civil. O general Lélío G. R. da Silva comandou a divisão militar da ONUMOZ de Fevereiro de 1993 a Fevereiro de 1994. O seu relatório de actividades, no fim de uma guerra mal cicatrizada, refere, evidentemente, a desconfiança entre a FRELIMO e a RENAMO, mas chama igualmente a atenção para as rivalidades entre os contingentes (os italianos pretendiam ser os *top dogs*), a incapacidade de alguns oficiais da ONUMOZ ou moçambicanos, a lentidão dos processos, a morbidade (entre os uruguaios, que registam algumas mortes), a má vontade da RENAMO, que a ONU compra (p. 222), as intrigas de um funcionário francês da ONU. Como não se entende com o representante italiano (Ajello) do secretário-geral, não renova o seu contrato com a ONU. Em resumo, esta *Missão de paz*²² é muito útil, pois revela tudo o que se passa por trás das aparências oficiais, dos sorrisos diplomáticos e de toda essa fachada de uma pseudofraternidade de armas. Apesar de tudo, foi preciso passar por lá para reconciliar os inconciliáveis e o preço em homens (doze mortos em virtude de acidentes e de doenças entre a tropa de *peacekeepers* internacionais) foi modesto em relação às centenas de milhares que caíram de 1976 a 1992. Esses não tiveram direito a um livro que, de qualquer maneira, também não teriam sabido ler.

A jusante desta gigantesca operação é indispensável conhecer um trabalho de uma ONG (Institute for Security Studies) cuja autora, Ana Leão²³, examina o destino das armas depois do conflito, como é que podem ser recuperadas, qual deverá ser o papel de uma polícia íntegra, competente e eficaz, numa palavra, como é que é possível, uma década depois do fim da guerra, desarmar uma sociedade onde as armas ligeiras abundam. A autora descreve vários programas que, segundo ela, podem ser considerados êxitos à data da redacção do seu estudo. Trata-se de um trabalho pormenorizado, concreto e imaginativo quanto às soluções a aplicar ao problema. Daí que este texto seja útil e recomendável.

A tradução e o resumo de uma tese de mestrado defendida em Bordéus, mas publicada em inglês em Joanesburgo por um serviço oficial francês, permitem-nos seguir a evolução da imprensa moçambicana desde as origens

²² Lélío G. R. da Silva, *Uma missão de paz na África*, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 2005, 327 páginas, com fotografias a preto e branco.

²³ Ana Leão, *Weapons in Mozambique. Reducing availability and demand*, Institute for Security Studies, Pretória, 2004, 104 páginas, com diagramas.

até à liberalização da comunicação social e sondar a sua influência na política local contemporânea. Trabalho sério, relativamente pormenorizado na sua concisão, é um novo passo no estudo dos *media*. O autor²⁴ parece pouco sensível às teses da FRELIMO. Bastante mais aprofundada, uma tese²⁵ a meio caminho entre a história, a antropologia social, a política, a ecologia... e o cadastro fundiário local, examina, numa perspectiva comparativista, a influência da fronteira numa mesma região e numa mesma etnia (Shona, sub-grupo dos Ndau). Fundado numa judiciosa pesquisa dos arquivos britânicos (neste caso, rodesianos) e portugueses (moçambicanos), o livro revela uma ideia divergente sobre a posse da terra na linha do cume do planalto transfronteiriço (entre Vhimba e Gogoi) até aos anos 1990-2000. Os colonos brancos estavam instalados a oeste; a leste, em solo moçambicano, os portugueses deixaram as terras aos Ndau. Mas a expropriação dos fazendeiros por Mugabe e, conseqüentemente, o seu êxodo em direcção a Moçambique, reforçado pela instalação das sociedades florestais sul-africanas, levaram a transformações na propriedade fundiária de um lado e do outro da fronteira, e os Ndau, do lado moçambicano, estão por ser espoliados pelos novos colonos, que vedam as suas concessões. Felicitaremos ainda o autor pela sua investigação aprofundada sobre os métodos utilizados pelos Ngoni de Gaza e, depois, pela Companhia de Moçambique, pela administração colonial portuguesa, pela FRELIMO e pela RENAMO, até 1992, para desenvolver esta periferia. Se bem compreendemos, uns e outros copiaram-se: escravatura inicial, corveias e trabalho forçado, tudo sob a autoridade da chefia local que tem um papel-chave no equilíbrio ecológico deste sector.

De uma fronteira à outra, passemos agora a Cabo Delgado, nomeadamente a Montepuez, com uma outra tese — sueca e de sociologia — na qual Linda — o seu nome não é um exagero — Helgesson²⁶ estuda a situação económica, muito precária, dos jovens em duas regiões fronteiriças do Rovuma, abandonadas nas margens pelas autoridades de Dar es Salam e de Maputo, respectivamente. Baseando-se em inquéritos feitos no terreno (2002-2004) e em numerosas entrevistas com estes jovens, o texto procura dar resposta à questão «como é possível escapar à miséria num contexto marcado pela escassez de emprego?». A agricultura na periferia urbana

²⁴ Claudio Jone, *Press and democratic transition in Mozambique 1990-2000*, Institut français d'Afrique du Sud, Joanesburgo, 2005, 102 páginas.

²⁵ David McDermott Hughes, *From enslavement to environmentalism. Politics on a Southern African frontier*, University of Washington Press, 2006, xvii-285 páginas, com ilustrações a preto e branco.

²⁶ Linda Helgesson, *Getting ready for life. Life strategies of town youth in Mozambique and Tanzania*, Umeå University, Department of Social and Economic Geography, Umeå, 2006, viii-267 páginas, com fotografias a preto e branco.

persiste e é indispensável à sobrevivência de uma população demograficamente exuberante. A autora considera vários assuntos: as mulheres, a globalização, os pequenos biscates, a educação, as migrações, a família, a sida, o futuro (angustiante). O mais interessante desta obra, embora não seja divertido, são as transcrições das entrevistas onde os jovens expõem os seus problemas sem quaisquer artificios.

Saltemos agora até à Guiné-Bissau, onde, para começar, dois outros escandinavos, um dinamarquês e uma islandesa, se debruçam também sobre os problemas da juventude local. Henrik Vigh aborda, na perspectiva da antropologia social, um problema bem delimitado: porquê, como e com que resultados um adolescente pobre, marginal e violento se alista numa milícia paramilitar — os Aguentas, 1998-1999 — para apoiar o presidente Nino Vieira? Após um inquérito de dezasseis meses, realizado entre 2000 e 2003 em Bissau, em particular em Bandim (etnia papel) e em Praça (a parte antiga da cidade), o autor sabe o suficiente para responder à questão formulada e as suas conclusões não são animadoras. A Guiné-Bissau é um país sem esperança, em que a única aspiração de um jovem ocioso é emigrar para a Europa e, prioritariamente, para Portugal. Onde estás tu, Amílcar? O texto não evita as questões de capelas e de especialistas entre os antropólogos, faltando-lhe dimensão histórica. A violência dos papéis não é de ontem [cf. René Pélissier, *Naissance de la Guiné. Portugais et Africains en Sénégal (1841-1936)*, Ed. Pélissier, Orgeval (France), 1989] e, contrariamente ao que afirmam alguns, o tribalismo também não. Os políticos contemporâneos sabem bem que para se manterem no poder, ou seja, para continuarem a enriquecer, é preciso exacerbar as rivalidades entre os papéis e os balantas. Por isso, não consideram necessário ler os historiadores estrangeiros. Se o autor da tese²⁷ pensa, igualmente, que não aprenderá nada ao lê-los, isso já é um direito e assunto seu. Mas trata-se de um homem honesto. Ele admite (pp. 189-191) que um grande número de entrevistados tem saudades do tempo dos portugueses pela estabilidade e prosperidade perdidas (em Bissau, pelo menos). Tantos mortos e tantos horrores para chegarmos aqui. Que falhanço!

Quanto à antropóloga islandesa, Jónina Einarsdóttir, participante numa dessas compilações²⁸ da moda, encontramos-la como autora de um capítulo (pp. 183-200) intitulado «Relocation of children. Fosterage and child death in Biombo, Guiné-Bissau», que examina a situação entre os papéis no epicentro sangrento da resistência local durante a quarta campanha de Teixeira Pinto. Como o seu

²⁷ Henrik Vigh, *Navigating terrains of war. Youth and soldiering in Guinea-Bissau*, Berghahn Books, Oxford, 2006, v-258 páginas.

²⁸ Catrine Christiansen, Mats Utas e Henrik Vigh (eds.), *Navigating Youth, generating adulthood. Social becoming in an African context*, Nordiska Afrikainstitutet, Upsala, 2006, 272 páginas.

colega dinamarquês, ela não se enreda em referências históricas que, no entanto, lhe teriam permitido saber que em 1915, no Biombo, se registou uma tal sobremortalidade masculina que foram precisas décadas para restabelecer o equilíbrio entre os dois sexos. O texto está repleto de histórias pessoais e a autora, que conhece melhor do que ninguém as questões relacionadas com a adopção e criação dos jovens de etnia papel, aproveita para denunciar a Convenção dos Direitos da Criança como nefasta, se aplicada universalmente. Provavelmente, tem razão, mas quem é que em Genebra ou em Manhattan se preocupa com os jovens papéis?

E, já que evocámos a guerra, continuemos no domínio das extravagâncias editoriais, desta feita com *Contos navais*, da autoria de um ex-oficial da marinha portuguesa, que publica na sua língua, mas nos Estados Unidos, o que lhe permite estar no catálogo da Amazon (e, provavelmente, nos de outras megalivrarias electrónicas anglo-americanas), enquanto o pobre bibliógrafo inconsciente é obrigado a passar a maior parte do tempo a «esgravatar» em cem jardins para saber, de forma «exaustiva», o que se publica no Brasil e em Portugal. O autor destes *Contos navais*²⁹ é um antigo oficial humanista que comandou os pequenos navios (lanchas de desembarque) que subiam os rios da Guiné, transportando os fuzileiros, entre 1965 e 1967. Trata-se, portanto, de narrativas de operações nos rios Cacine, Rio Grande de Buba, Cacheu e Mansoa. A impressão que ressalta da sua leitura é que o PAIGC, sendo extremamente bem equipado com peças de artilharia, bombardeava sem muito perigo as embarcações portuguesas. As datas são pouco precisas e é de admirar que, uma geração depois dos factos, a Armada não tenha ainda publicado — que tenhamos conhecimento — uma história global das suas actividades (1961-1974) em África, e não apenas as dos fuzileiros, mas também as de todas as unidades de alto mar.

Por fim, regressemos a recordações menos trágicas com uma tocante brochura³⁰ que um missionário italiano consagra à sua velha mãe, que, das montanhas do Trentino, acolheu, enquanto foi viva, dezenas de guineenses que o filho lhe enviava para estudarem em Itália e descansarem em condições um pouco mais familiares. Como por acaso, a maior parte deles eram oriundos da ilha de Bissau e das instituições católicas fundadas por italianos na Guiné. De forma casual, a generosa actividade desta boa senhora mostra-nos a eficiência das redes de apoio que os italianos orientam para os seus missionários nos PALOP.

²⁹ Joaquim Chaves Ubach, *Contos navais*, Xlibris Corporation, s. l. (Estados Unidos), 2006, 130 páginas.

³⁰ Ermanno Battisti, *Un cuore d'altri tempi nel ricordo del figlio P. Ermanno Battisti, P. I. M. E., missionário in Guinea-Bissau*, P. I. M. E. (Rivista Italia Missionaria), Milão, s. d., 64 páginas, com numerosas fotografias a preto e branco e a cores.

Existem alguns livros de ciência política e sobre a história recente de São Tomé, mas não são frequentes e a maior parte das vezes têm um interesse modesto (entre eles alguns textos em português). Podemos, no entanto, aconselhar aos leitores que se interessam pelo arquipélago a consulta de um conjunto de mais de 630 páginas sobre o qual já dissemos o que pensávamos aquando da 1.^a edição. A existência de uma 2.^a edição revista de *Comrades, Clients and Cousins*³¹ — cuja 1.^a edição é de 1999 e à qual pressagiámos uma longevidade científica pelo menos de dez anos — mostra, provavelmente, que subestimámos quer a sua utilidade, quer a sua recepção. Apesar de o autor ter completado ou modificado o texto original de alguns capítulos, não iremos fazer aqui uma exegese, linha por linha, de tal monumento. Basta referir que no «massacre de Batepá» constatámos um aumento das notas de rodapé, na bibliografia um aumento de entradas (René Pélissier, *Explorar...*, *op. cit.*, continua, no entanto, a estar ausente) e na cartografia uma melhoria visual (ainda que cada ilha merecesse um mapa mais detalhado). No entanto, tudo isto é secundário relativamente à actualização feita, que nos permite seguir e compreender a evolução dos acontecimentos políticos e económicos do período de 1998 a 2005 e cujo principal elemento se prende, evidentemente, com as esperanças nascidas da prospecção petrolífera. Não é a única razão por que recomendamos a aquisição desta nova edição, embora ela possa não agradar a alguns leitores nas ilhas ou na diáspora. Por enquanto a dependência persiste.

Quem se interessa por São Tomé, quer dizer, pelas roças locais e pelo seu povoamento «involuntário» (pequeno eufemismo insular), tem de conhecer um livro sobre o arquipélago, Angola, os chocolateiros quakers (e britânicos) e a ética do mundo dos negócios. *Chocolate on trial*³² revisita um velho problema que envenenou as relações entre Londres e Lisboa. Lord Salisbury conhecia a situação desde a década de 1890, mas o Foreign Office minorava o facto para não perturbar as negociações sobre a «exportação» de moçambicanos para a África do Sul. Numa palavra: era, ou não, a escravatura uma prática no início do século XX entre Angola e o seu apêndice do golfo da Guiné? O historiador americano Satre retoma — depois de muitos outros autores — o problema com a serenidade necessária a um assunto destes e que, segundo António de Almeida Santos, «não é uma virtude lusitana». Ao fazê-lo, abarca diferentes problemas: a reputação da sociedade

³¹ Gerhard Seibert, *Comrades, Clients and Cousins. Colonialism, Socialism and Democratization in São Tomé and Príncipe*, Brill, Leiden, 2006, xx-615 páginas, com fotografias a preto e branco.

³² Lowell J. Satre, *Chocolate on trial. Slavery, politics & the ethics of business*, Ohio University Press, Athens (Ohio), 2005, xi-308 páginas, com fotografias a preto e branco.

Cadbury, o jornalismo sensacionalista, a influência dos *lobbies* antiesclavagistas, o funcionamento da administração portuguesa, a justiça britânica, os interesses financeiros (em 1909, Cadbury decreta o fim das importações de cacau são-tomense), etc. Depois de Agosto de 1914, Londres irá, evidentemente, interessar-se mais pelos alemães do que por algumas dezenas de milhares de contratados. O livro está extraordinariamente bem documentado e integra mesmo uma nota, pouco conhecida, na qual um general bóer, o aventureiro P. Joubert Pienaar, propõe em 1908 ao Foreign Office a invasão de Angola e a expulsão dos portugueses, ficando o território submetido ao rei Eduardo (pp. 90-91).

Haveria neste assunto o suficiente para fazer estremecer o autor de *Enfermeiras pára-quedistas*³³ e as suas 47 heroínas (1961-1974)? O texto destina-se, ao que parece, aos nostálgicos e às feministas. A sua história diz respeito, antes de mais, à formação das enfermeiras pára-quedistas (as primeiras mulheres militares das forças armadas portuguesas, que foram apoiadas por Salazar), e não às operações africanas em que elas participaram, sobretudo evacuações de feridos. Do mesmo editor salientamos igualmente o que parece ser um curso de relações internacionais. Bem construído e claro, o livro de José Palmeira³⁴ vai buscar a diversos especialistas elementos que mostram qual pode ser o peso de Portugal na procura de uma política externa centrada na NATO para a defesa, na União Europeia para a economia e na Comunidade de Países de Língua Portuguesa para a substituição da mitologia ex-imperial. O autor expõe e adopta uma posição bastante imparcial nos seus julgamentos, o que nos parece ser a atitude adequada ao professor que se dirige aos seus estudantes.

Ainda no domínio da ciência política, quem havia de pensar que Moçambique e a Guiné-Bissau teriam lugar num brilhante ensaio brutalmente intitulado *Assassin*³⁵? Na realidade, trata-se de uma análise comparativa dos crimes políticos ao longo dos séculos, desde a Antiguidade. Logo, sem trazer elementos novos, o autor († 2003) tem razão em conceder uma parte de um capítulo aos assassinatos de Mondlane e de Cabral. É um livro que fascina pela amplitude dos conhecimentos de J. Bowyer Bell, o qual traça um panorama organizado e sinistro da violência e das técnicas utilizadas para afastar adversários políticos. As mortes de Trotsky, de Trujillo e de Tshombe adquirem uma outra dimensão quando examinadas à luz do alfabeto (letra T). O relato da eliminação do horrível Heydrich pela resistência checa em 1942

³³ Luís A. M. Grão, *Enfermeiras pára-quedistas, 1961-2002*, Prefácio, Lisboa, 2006, 169 páginas, com fotografias a preto e branco.

³⁴ José Palmeira, *O poder de Portugal nas relações internacionais*, Prefácio, Lisboa, 2006, 299 páginas.

³⁵ J. Bowyer Bell, *Assassin. Theory and Practice of Political Violence*, Transaction Publishers, New Brunswick (Nova Jérssia), 2005, XIII-310 páginas.

é apenas um dos numerosos exemplos fornecidos pelo texto, que se inscreve numa longa tradição de livros anglo-americanos sobre este tema.

Tema inesgotável, mas palpitante, o leitor sentado no calor do seu sofá tremerá igualmente — de indignação, pensamos nós — com a leitura do longo panfleto de Xavier Harel intitulado *Afrique, pillage à huis clos*³⁶. Trata-se, antes de mais, de uma diatribe contra a hipocrisia das potências e de certas companhias ocidentais que, por razões de Estado e de enriquecimento da sua carteira, fecham os olhos a ditaduras que têm a sorte de possuírem reservas de petróleo. Não há forma de contestar esta evidência: alguns biliões de dólares transformam um canalha (e o seu clã) em «amigo e visionário» para os eminentes filósofos que dirigem actualmente (2006) os Estados Unidos, o Reino Unido, a França, a China e outros países sedentos do óleo mágico. Harel é um jornalista bem informado sobre a situação petrolífera do Congo, do Gabão, da Nigéria e da que resultou do conluio Elf-Angola, mas referimo-lo aqui apenas pelas dezenas de páginas que consagra a essa anomalia histórica que constitui a Guiné Equatorial, país onde esteve efectivamente, o que não acontece com todos os investigadores.

Naturalmente, ele confirma a corrupção sideral e siderante, o terror silencioso, o papel mais do que duvidoso das companhias petrolíferas americanas e, a partir daquilo que está destinado a ser uma espécie de Evangelho menor na literatura da Guiné Equatorial (Adam Roberts, *The Wonga Coup*, PublicAffairs, Nova Iorque, 2006, xv-330 páginas), expõe a tentativa de golpe de Estado de 2004. Depois da época de Papa Macías, este país tornou-se emblemático para o estudo das tiranias africanas ou dos incapazes e inconscientes que hipotecam o futuro até que outros, igualmente ávidos e criminosos, os matem, os expulsem ou os substituam mais ou menos pacificamente. A grande maldição que pesa sobre a África negra é a existência de autoproclamadas elites sem coluna vertebral! Livro comprometido de um autor colérico, autoriza-nos a abrir na nossa crónica uma microsecção que reservaremos às duas antigas colónias espanholas de África.

Recuando no tempo, o texto mais próximo da nossa época é *Diké*³⁷. Trata-se de um testemunho autobiográfico (?) e romanceado de um camaronês que, desesperado, decide partir para a Europa, via o Rio Muni e Fernando Poo, onde são exploradas a miséria e a diferença de mentalidades entre os herdeiros de duas colonizações distintas, para não dizer, desconfiadas em relação aos seus vizinhos. Encontramo-nos talvez nos anos de 1970 a 1974, isto é, durante a primeira ditadura. A influência dos comerciantes e residentes camaroneses na Guiné Equatorial é um factor raramente conside-

³⁶ Xavier Harel, *Afrique, pillage à huis clos. Comment une poignée d'initiés siphonne le pétrole africain*, Fayard, Paris, 2006, 281 páginas.

³⁷ Jacques Som, *Diké*, L'Harmattan, Paris, 2006, 159 páginas.

rado. Depois deste ponto de partida, voltemos cerca de oitenta anos atrás até um opúsculo³⁸ muito interessante que é um breve estudo sobre o mandato de um oficial da marinha e governador anticlerical, apoiado pela publicação de documentos oficiais e de artigos de imprensa, a partir dos quais ficamos a saber, entre outras coisas, que dois missionários católicos demasiado zelosos destruíram as aldeias da ilha de Annobón, enquanto outro, no cabo San Juan (Rio Muni), fez espancar uma prostituta tão cruelmente que ela acabou por morrer. Esta minúscula colonização de mau grado era, nessa altura, titubeante: em 1895, o Rio Muni não tinha mais do que um vice-governador, 16 marinheiros, um médico, três agências comerciais estrangeiras e uma catalã.

Bastante mais desenvolvida é a primeira parte da tese de M.^a Dolores García Cantús³⁹, que se insere numa corrente de reapropriação da história colonial espanhola dos séculos XIX e XX por alguns investigadores locais, o que é, em todos os sentidos, louvável e indispensável após os anos de obscurantismo do período franquista. Mas antes dela a situação não era, historiograficamente, muito melhor. Quase nada se pretendêssemos conhecer o passado colonial da Guiné Equatorial. Por conseguinte, García Cantús vai atacar o «longo século XIX», mas o seu primeiro volume termina em 1846, isto é, a autora limita-se aqui ao período menos mal conhecido até à data, tratando da expedição de Argelejo em 1778, do «interregno» britânico em Fernando Poo e, essencialmente, do tráfico negreiro e da sua repressão pela Inglaterra e, finalmente, da retoma das expedições espanholas a partir de 1843 em direcção a ilhas onde a presença de Madrid era nula. O trabalho baseia-se unicamente nos arquivos espanhóis e numa bibliografia, manifestamente insuficiente, porque os livros mais importantes em inglês parecem não existir na Península. É uma falha das bibliotecas locais que dura há mais de dois séculos e em relação à qual não se vislumbram quaisquer melhorias. A solução encontrada por alguns historiadores espanhóis que trabalham sobre o Sara ocidental e que compreenderam a necessidade de aprofundar e equilibrar as suas investigações é deslocarem-se ao estrangeiro. Salvo erro, exceptuando o livro de um missionário e uma tese, nada nos indica que os historiadores espanhóis da Guiné Equatorial tenham começado a ultrapassar este problema. Não é por isso de espantar que a autora não tenha utilizado as dezenas de livros britânicos que documentam os interesses anglófonos em Fernando Poo, sendo o exemplo mais marcante a ausência do livro recen-

³⁸ Juan José Díaz Matarranz, *El Gobierno de José de la Puente y Bassavé en la Guinea Española (1893-1895)*, Ceiba Ediciones, Vic (Barcelona), 2006, 102 páginas.

³⁹ M.^a Dolores García Cantús, *Fernando Poo: una aventura colonial española*, vol. 1, *Las islas en litigio: entre la esclavitud y el abolicionismo, 1777-1846*, Ceiba Ediciones, Vic (Barcelona), 2006, 236 páginas.

temente publicado por um pastor jamaicano (Horace O. Russell, *The Missionary Outreach of the West Indian Church*, Peter Lang, Berna, 2000, xx-323 páginas).

As bibliotecas universitárias — mesmo na Catalunha — são o que são, e tememos mesmo que este empobrecimento intelectual da história hispano-guineense possa continuar ao longo do século XXI. É deplorável para a investigação e, em todos os aspectos, semelhante ao que acontece na historiografia luso-africana, tal como alguns a encaram, no Brasil e em Portugal: um marasmo defensivo. Em abono de alguns autores espanhóis recentes, podemos referir que eles foram responsáveis pela «descoberta» de uma rica documentação guardada nos arquivos locais e que não estavam disponíveis ainda não há uma geração. A este propósito, podemos esperar que eles descubram os doze (?) volumes manuscritos, dados como perdidos (ou lendários), de um viajante — o misterioso Pellon y Rodríguez —, se não tiverem sido destruídos ou vendidos a qualquer rico colecionador — eles existem — americano. Para a Guiné e a Espanha «equatoriais», essa ressurreição equivaleria à decifração dos hieróglifos para o Egipto antigo. A luta continua.

Para o Sara, o conflito POLISÁRIO-Marrocos terá, pelo menos, permitido uma certa internacionalização da documentação disponível. O *Historical Dictionary of Western Sahara*⁴⁰ vai na sua 3.^a edição e, para além de uma parte histórica e sobretudo política de 455 páginas, contém uma cronologia (que vai até Outubro de 2005) e uma bibliografia de 65 páginas que coloca o acento sobre o contencioso e o conflito em curso. Anthony Pazzanita é bastante pessimista quanto à hipótese de um desfecho rápido para a disputa, apesar de ser pró-independentista. A obra é preciosa para identificar o pessoal político do período que vai de 1976 a 2006. Acrescentemos que a bibliografia podia ter sido lida mais atentamente e — o que consolará talvez os bibliotecários espanhóis — sobretudo actualizada, já que aí não encontramos dois títulos relativos ao Sara, um deles parcialmente em inglês [René Pélissier, *Spanish Africa-Afrique espagnole. Etudes sur la fin d'un Empire, 1957-1976*, 224 páginas, e *Angola-Guinées-Mozambique-Sahara-Timor, etc. Une bibliographie internationale critique, 1990-2005*, 748 páginas, Ed. Pélissier, Orgeval (France), respectivamente, 2005 e 2006]. De qualquer maneira, com o passar dos anos, o livro foi-se impondo e como, em cada nova edição, refere novos materiais, uma biblioteca que se preze deve possuir as três edições.

Como a nossa bússola está desregulada, não nos espantemos de que, partindo do Sara, acabemos por acostar a Timor com uma obra fundamental que agradará aos historiadores da cartografia e das viagens, pois esta obra,

⁴⁰ Anthony G. Pazzanita, *Historical Dictionary of Western Sahara. Third Edition*, The Scarecrow Press, Lanham (Maryland), 2006, LXV-523 páginas.

tendo beneficiado da generosidade — caso pouco usual — dos serviços oficiais franceses, reproduz uma iconografia muito simplesmente sem equivalente. E nós ficamos felizes, pois se, no início do século XXI, o francês médio ignora quase tudo sobre Timor, não era assim nos séculos XVIII e XIX, quando Paris enviava grandes navegadores para o Pacífico. Frédéric Durand⁴¹ é um geógrafo que contraiu o vírus timorense, mas não é um nacionalista sectário. Ele começa o seu estudo afirmando que «a primeira referência escrita a Timor é de um manuscrito chinês de cerca de 1250 d. C., o *Chu-Fan-Chi*» (p. 31), e consagrando seis páginas aos chineses, quer enciclopedistas, quer cartógrafos. O autor não negligencia, igualmente, os árabes nem, evidentemente, os portugueses, os holandeses, os britânicos, etc. Na verdade, não negligencia nada nem ninguém, chegando mesmo a evocar obscuros navegadores que em 2006 fizeram ou farão escala em Díli, bem como romancistas, autores de banda desenhada (por exemplo, Hugo Pratt), o Papa, os sobreviventes do *Bounty*, o *Lusitânia Expresso* de 1992, Alain Gerbault e não sei quantos mais. Terminamos indicando que o livro tem 231 figuras e gravuras, 62 fotografias, uma bibliografia de 16 páginas, onde há poucas lacunas (na nossa opinião, *The drums of Tonkin*, de Schreider, e *Le disparu de la République morte*, de Bertin, teriam devido estar inscritos nesta lista). Todos estes pequenos reparos são ninharias face à enorme utilidade deste trabalho magistral. Sumptuoso mesmo. O geógrafo não perdeu o rumo!

Redigido em Dezembro de 2006.

⁴¹ Frédéric Durand, *Timor: 1250-2005. 750 ans de cartographie et de voyages*, Editions Arkuiris, Toulouse, 2006, 520 páginas, com muitos mapas e fotografias a preto e branco e a cores.